



Ler e Escrever

Estabelecer uma ponte entre teorias sobre texto e escrita e práticas de ensino, o diferencial de estudar a teoria com exemplos práticos de diversos meios de comunicação: essa é a proposta de Ingedore V. Koch – uma das maiores autoridades em Língua Portuguesa e Linguística do Brasil – e a professora Vanda Maria Elias em *Escrever*.

Atividade regida pelo princípio da interação, a escrita requer a mobilização de conhecimentos referentes à língua, a textos, a coisas do mundo e a situações de comunicação. Assim, com base em um conjunto de exemplos comentados – poemas, propagandas, reportagens, crônicas, poemas, músicas e muitas produções de séries distintas – as autoras demonstram a aplicação dos conceitos aqui abordados, favorecendo a sua compreensão e ressaltando sempre as particularidades de cada gênero textual. Dessa maneira, *Ler e escrever* complementa e dialoga com *Ler e compreender: os sentidos do texto*, das mesmas autoras e publicado pela editora Contexto.

editora
contexto
Impulso à Circulação do Saber

ISBN 978-85-7244-423-1



9 788572 444231

Ingedore Villaça Koch
Vanda Maria Elias

Ler e Escrever

estratégias de produção textual




editora **contexto**

O que é escrita?

Se houve um tempo em que era comum a existência de comunidades ágrafas, se houve um tempo em que a escrita era de difícil acesso ou uma atividade destinada a alguns poucos privilegiados, na atualidade, a escrita faz parte da nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, e-mail, listas de compras, etc., etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia-a-dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, e-mail, etc., etc.).

BARRÉ-DE-MINIAC (2006: 38) afirma que “hoje, a escrita não é mais domínio exclusivo dos escrivães e dos eruditos. [...] A prática da escrita de fato se generalizou: além dos trabalhos escolares ou eruditos, é utilizada para o trabalho, a comunicação, a gestão da vida pessoal e doméstica”.

Que a escrita é onipresente em nossa vida, já o sabemos. Mas, afinal, “o que é escrita?”. Responder a essa questão é uma tarefa difícil porque a atividade de escrita envolve aspectos de natureza variada (linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural).

Como é de nosso conhecimento, há muitos estudos sobre a escrita, sob diversas perspectivas, que nos propiciam diferentes modos de responder a questão em foco. Basta pensarmos, por exemplo, nas investigações

existentes segundo as quais a escrita ao longo do tempo foi e vem se constituindo como um produto sócio-histórico-cultural, em diferentes suportes e demandando diferentes modos de leitura (CHARTIER, 2003, 2002, 2001, 1998; EISENSTEIN, 1998); o modo pelo qual ocorre o processo de aquisição da escrita por parte da criança (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999; LANDSMANN, 2006); o modo pelo qual a escrita é concebida como uma atividade cuja realização demanda a ativação de conhecimentos e o uso de várias estratégias no curso mesmo da produção do texto (TORRANCE & GALBRAIT, 1999).

Apesar da complexidade que envolve a questão, não é raro, quer em sala de aula, quer em outras situações do dia-a-dia, nos depararmos com definições de escrita, tais como: “escrita é inspiração”; “escrita é uma atividade para alguns poucos privilegiados (aqueles que nascem com esse dom e se transformam em escritores renomados); “escrita é expressão do pensamento” no papel ou em outro suporte; “escrita é domínio de regras da língua”; “escrita é trabalho” que requer a utilização de diversas estratégias da parte do produtor.

Essa pluralidade de respostas nos faz pensar que o modo pelo qual concebemos a escrita não se encontra dissociado do modo pelo qual entendemos a linguagem, o texto e o sujeito que escreve. Em outras palavras, subjaz uma concepção de linguagem, de texto e de sujeito escritor ao modo pelo qual entendemos, praticamos e ensinamos a escrita, ainda que não tenhamos consciência disso.

Escrita: foco na língua *text clara*

Se, em uma sala de aula, perguntarmos aos alunos o que pensam sobre a escrita, certamente, ouviremos que, para escrever – e fazê-lo bem –, é preciso conhecer as regras gramaticais da língua e ter um bom vocabulário e que são esses os critérios utilizados na avaliação da produção textual.

Não é, pois, por acaso, que nós, professores e avaliadores de redações em tarefas escolares, ou simples leitores dos textos produzidos por alunos, encontramos nessas produções palavras rebuscadas, muitas vezes usadas inadequadamente.

Quanto às regras da gramática, bem, houve um tempo em que era comum recomendar aos alunos baterias e baterias de exercícios sobre uso de sinais de pontuação, concordância, regência, colocação pronominal, dentre

outros tópicos, esperando que o aluno exercitasse em frases as regras gramaticais e depois transferisse esse conhecimento para a produção do texto.

Ah! Poderia haver, sim, alguns desvios em relação ao uso das regras, mas isso era visto com bons olhos apenas em escritas de autores já consagrados. Dito de outro modo, só aqueles que conheciam bem as regras da língua poderiam alterá-las. Aos demais, cabia apenas seguir o que era preconizado nas gramáticas, seguir modelos.

Subjacente a essa visão de escrita, encontra-se uma concepção de linguagem como um sistema pronto, acabado, devendo o escritor se apropriar desse sistema e de suas regras. O princípio explicativo de todo e qualquer fenômeno e de todo e qualquer comportamento individual repousa sobre a consideração do sistema, quer linguístico, quer social.

Nessa concepção de **sujeito como (pré)determinado pelo sistema**, o **texto** é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado. Nessa concepção de texto, não há espaço para implicitudes, uma vez que o uso do código é determinado pelo princípio da transparência: tudo está dito no dito ou, em outras palavras, o que está escrito é o que deve ser entendido em uma visão situada não além nem aquém da linearidade, mas centrada na linearidade.

Escrita: foco no escritor

Há quem entenda a escrita como representação do pensamento, “escrever é expressar o pensamento no papel”, por conseguinte, tributária de um **sujeito psicológico, individual, dono e controlador de sua vontade e de suas ações**. Trata-se de um sujeito visto como um *ego* que constrói uma representação mental, “transpõe” essa representação para o papel e deseja que esta seja “captada” pelo leitor da maneira como foi mentalizada.

Nessa concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o **texto** é visto como um produto – lógico – do pensamento (representação mental) do escritor. A **escrita**, assim, é entendida como uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo.

